

Clos Brasil

Simonsen desaconselha choques econômicos

Adriana Lorete — 31/5/89

O ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen continua totalmente avesso à adoção de um novo choque econômico, apesar de admitir uma inflação mais alta para os próximos meses, conforme já detectou a Fundação Getúlio Vargas. "Nas duas últimas semanas ouvi várias propostas de planos econômicos e acho que qualquer um que seja adotado não vai dar certo", assegura Simonsen. O economista está convencido de que é preferível a política econômica do ministro Marcílio Marques Moreira de ficar parado na direção certa, do que a de se andar para algum lugar na direção errada.

Simonsen não vê qualquer possibilidade de aplicação de um plano de dolarização da economia, basicamente porque o país não tem reservas cambiais suficientes para sustentar uma indexação pelo dólar. "Se todos os investidores resolvessem trocar títulos da dívida por dólar não haveria moeda suficiente para cobrir a demanda", explica. O congelamento, outra hipótese sempre levantada quando há um recrudescimento da



Simonsen: política de Marcílio é a mais correta

inflação, é também totalmente rejeitado por Simonsen. Ele está seguro de que um plano desse tipo surtiria efeito por, no máximo, 15 dias e depois o país viveria, novamente, todas as consequências desastrosas que um choque desse acarreta.

Receio — Mesmo convencido da ineficácia desses planos, Simonsen teme que o governo, por desespero político, acabe lançando mão de uma dessas medidas artificiais para baixar a inflação. Este temor de intervenção do governo na economia, em sua opinião, acaba sendo extremamente prejudicial aos empresários que perdem boa parte do tempo de trabalho analisando a conjuntura econômica e elocubrando sobre qual plano pode vir a ser adotado.

Para Simonsen, a única alternativa viável para a estabilização da economia é a reforma fiscal. Afirma, no entanto, que a equipe de Marcílio fez um grande marketing em torno do assunto mas não levou adiante as propostas. Ele admite, porém, que, no momento, a adoção de uma reforma fiscal está praticamente descarta-

da, já que, com a crise política, o governo perdeu o cacife para propor qualquer projeto ao Congresso.

"A reforma fiscal é fundamental para um governo que não possui mais crédito, só conseguindo lançar papéis de curto prazo, e que também não pode mais emitir cruzeiros porque a moeda está totalmente desvalorizada. Hoje, o público não usa mais dinheiro à vista, e sim depósitos remunerados nos bancos", diz.

Simonsen, que ontem fez uma avaliação da pesquisa da Price Waterhouse sobre indicadores de qualidade e produtividade das empresas para um auditório lotado de empresários, acredita que as companhias brasileiras estão caminhando na direção correta, apesar de ainda distantes dos padrões de qualidade do primeiro mundo. Ele acha que mudanças importantes já foram feitas, como a redução dos níveis de hierarquia, que acabavam criando canais de comunicação desnecessários e ineficientes. Também acha que a instabilidade econômica e política está inviabilizando a recuperação econômica.